Os Sete Degraus da Escada do Amor Espiritual

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

Os sete degraus da escada do amor espiritual

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Os sete degraus da escada do amor espiritual

João de Ruysbroeck

PRÓLOGO

A graça e o santo temor ao Senhor estejam com nós todos!

Todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo[1], diz São João. Toda santidade verdadeira é nascida de Deus. Toda vida santa é uma escada de amor de sete degraus, pelos quais subimos ao Reino de Deus. É da vontade de Deus que sejamos santos[2].

CAPÍTULO 01

O primeiro degrau do amor.

Quando temos com Deus um mesmo pensamento e uma mesma vontade, estamos no primeiro degrau da escada de amor e da vida santa. A boa vontade é, de fato, o fundamento de todas as virtudes, segundo o que diz o

[1] 1 João 5: 4.
[2] Cf. 1 Tessalonicenses 4: 3. *Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação*.

profeta Davi: *Livrai-me, Senhor, de meus inimigos, porque é em vós que ponho a minha esperança. Ensinai-me a fazer vossa vontade, pois sois o meu Deus. Que vosso Espírito de bondade me conduza pelo caminho reto*[3].

Uma boa vontade, unida à de Deus, triunfa do diabo e de todos os pecados, pois ela é cheia das graças de Deus e é a primeira oferenda que devemos lhe fazer, se queremos viver para ele.

A pessoa de boa vontade tem Deus em vista e ela deseja amá-lo e servi-lo, agora e pela eternidade. Esta é sua vida e sua ocupação interior e é o que a coloca em paz com Deus, com ela mesma e com todas as coisas.

Assim, no momento do nascimento de Cristo, os anjos cantaram nos ares: *Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra às pessoas de boa vontade*[4].

Mas a boa vontade não pode ser estéril em boas obras, pois *toda árvore boa dá bons frutos*[5], diz Nosso Senhor.

---

[3] Salmo 142: 9 e 10.
[4] Lucas 2: 14.
[5] Mateus 7: 17.

CAPÍTULO 02

O segundo degrau do amor.

O primeiro fruto da boa vontade é a pobreza voluntária, que constitui o segundo degrau pelo qual nos elevamos na escada da vida do amor.

A pessoa voluntariamente pobre, de fato, leva uma vida livre e desprovida de cuidados para com todos os bens terrenos, sejam quais forem suas necessidades. Ela é uma sábia comerciante que trocou a terra pelo céu, segundo a sentença de Nosso Senhor: *Não podeis servir a Deus e à riqueza*[6].

Por isto, abandonando todo bem capaz de prendê-la à terra, ela fez voluntariamente a escolha da pobreza. Este é o campo onde se encontra o Reino de Deus, pois, *bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus*[7].

Este Reino de Deus é amor e caridade, ao mesmo tempo que dedicação a todas as boas obras. Nele, a pessoa deve ser pródiga por ela mesma, misericordiosa, clemente e prestativa, verídica e boa conselheira para com

---

[6] Mateus 6: 24.
[7] Mateus 5: 3.

todo aquele que solicita sua ajuda, de sorte que, no julgamento de Deus, ela possa mostrar que, com seus ricos dons, ela realizou obras de misericórdia, pois, dos bens terrenos, ela não guarda nada para ela mesma. Tudo o que ela tem é comum a Deus e à família de Deus.

Bem-aventurado é esse pobre voluntário que não possui nada do que passa. Ele segue Cristo e terá, por recompensa, o cêntuplo em virtudes. Ele vive na espera da glória de Deus e da vida eterna.

O avarento, pelo contrário, é realmente insensato. Ele troca o céu pela terra, mesmo que ele deva perdê-la.

O pobre em espírito sobe ao céu e o miserável avarento cai no inferno.

O camelo pode passar pelo buraco de uma agulha? Então, o miserável avarento pode entrar no Reino dos Céus. Mas, mesmo permanecendo pobre em bens terrenos, se ele não busca Deus e morre em sua avareza, ele está perdido para sempre.

O avarento prefere a casca ao fruto ou ao ovo.

Quem possui ouro e ama bens terrenos toma o veneno que dá morte e bebe uma água de eterna tristeza. Quanto mais ele bebe, mais ele tem sede; quanto mais ele tem, mais ele quer ter. Ele possui muito, mas não está

satisfeito, pois lhe falta tudo o que ele vê e o que ele tem lhe parece nada. Dificilmente alguém o ama, pois quem é avarento não é digno. Ele é como as garras do diabo: o que ele agarra, ele não larga. Ele precisa guardar até a morte tudo o que ele conseguiu com artimanhas e, no entanto, ele logo perde tudo. Depois, é a infelicidade eterna, pois o avarento se parece com o inferno que, mesmo quando consegue tudo, jamais está satisfeito. Mesmo que ele tenha tudo, nem por isto ele é melhor. Tudo o que ele pega ele prende e sua goela está sempre escancarada para receber os hóspedes do inferno.

Evite então a avareza. Ela é a raiz de todo pecado e de todo mal.

CAPÍTULO 03

O terceiro degrau do amor.

O terceiro degrau da nossa escada de amor é a pureza da alma e a castidade do corpo.

Entenda bem o que eu vou dizer. Para que sua alma seja pura, você deve, por amor a Deus, odiar e desprezar todo amor e afeto desordenado a você mesmo, ao seu pai e à sua mãe, assim como a toda criatura, de sorte que vo-

cê ame você mesmo e toda criatura para o serviço de Deus e de mais nada.

Então, você poderá dizer as palavras de Cristo: *Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*[8]. Então, você também ama seu próximo como a você mesmo.

Mantenha-se então puro. Não se deixe atrair e nem prender por ninguém, através de palavras, atos, dons, seduções, práticas ou aparências santas. Sob a aparência de espiritual, isto se torna totalmente carnal e não se pode confiar.

Não cative ninguém e não se deixe cativar por quem quer que seja. Sob uma boa aparência, isto logo se torna mau e inteiramente venenoso.

Mantenha-se vigilante e faça como os prudentes, sem se deixar enganar. Se você está atraído, você já foi enganado e vão mentir para você.

Deixe então tudo isto, mantenha-se vigilante e cative Jesus, seu Esposo. Fuja do hóspede estrangeiro e permaneça com seu Esposo, em uma atenção assídua.

Volte-se para o interior, dedique-se ao amor ardente e pratique toda virtude. Jesus o alimentará, o ensinará e

[8] Mateus 12: 50.

lhe dará conselhos, pois ele é seu apoio. Ele o conduzirá, acima de tudo o que é criado, até junto ao seu Pai. Lá, você encontrará fidelidade e alívio de toda tristeza e de toda aflição.

Esta é a vida da alma pura.

Depois, trata-se da castidade do corpo. Você sabe que Deus fez o ser humano com uma dupla natureza. Corpo e alma, espírito e carne; estes dois elementos estão unidos em uma só pessoa, para formar a natureza humana, que é gerada e nasce no pecado, pois, mesmo que Deus tenha criado nossa alma pura e sem mancha, com sua união com a carne, ela se tornou manchada com o pecado original.

Assim, somos todos gerados em estado de pecado, pois, *o que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é espírito*[9].

Mas, embora o espírito se mantenha na carne por causa do nascimento natural, através do segundo nascimento, que vem do Espírito de Deus, o espírito e a carne se tornam inimigos e lutam entre eles, *porque os desejos da carne se opõem aos do espírito* e aos de Deus *e estes*,

[9] João 3: 6.

com Deus, *aos da carne, pois são contrários uns aos outros*[10].

Se então, vivemos segundo os desejos da carne, estamos mortos no pecado. Se, pelo contrário, através do espírito, triunfamos sobre as obras da carne, vivemos segundo a virtude, de sorte que devemos, ao mesmo tempo, odiar e desprezar nosso corpo, em sua condição de inimigo mortal que quer nos arrancar de Deus, para nos entregar ao pecado e, no entanto, amar também e estimar esse corpo e nossa vida sensorial, enquanto instrumentos para o serviço de Deu.

Sem nosso corpo, de fato, não podemos realizar, para Deus, essas obras externas, que são, no entanto, para nós, um dever: os jejuns, as vigílias, as orações e outras boas obras e é por isto que damos de bom coração ao nosso corpo os cuidados, a roupa, o alimento que ele reclama, já que ele nos ajuda a servir Deus e nosso próximo.

Mas devemos nos observar com cuidado, desconfiar de nós mesmos e ficarmos atentos a três vícios que reinam nesse corpo: a preguiça, a gula e a impureza, pois estes três vícios fizeram cair muitas pessoas de boa vontade em grosseiros pecados.

---

[10] Gálatas 5: 17.

Para nos preservar da gula, precisamos amar e preferir a medida e a sobriedade, cortando sempre alguma coisa, pegando menos do que gostaríamos e nos contentando com o estritamente necessário.

Para remediar a preguiça, devemos ter, interiormente, uma sincera benevolência e misericórdia com relação a todas as necessidades e, exteriormente, estarmos prontos e assíduos, à disposição de todo aquele que reclama ajuda, segundo nosso poder e com discernimento.

Enfim, como salvaguarda contra a impureza, precisamos temer e fugir, no exterior, de toda conduta e maneira de fazer desordenadas e, interiormente, de todos os devaneios e imagens impuras, de maneira a não nos determos e nos fixarmos neles com prazer e paixão. É assim que não ficaremos cheios de imagens e nem manchados em nós mesmos.

Voltemo-nos, pelo contrário, para Nosso Senhor Jesus Cristo, para contemplar sua Paixão e sua morte e a efusão generosa do seu sangue por amor a nós. Ao repetirmos frequentemente este ato, imprimiremos e formaremos sua imagem em nosso coração, nossos sentidos, nossa alma, nosso corpo, em todo nosso ser, como um selo impresso e formado sobre a cera.

Cristo nos introduzirá então, com ele mesmo, nessa vida elevada, onde se está unido a Deus e onde a alma pura adere, através do amor, ao Espírito Santo e habita nele. É lá que correm as torrentes de mel do orvalho celeste e de todas as graças e, quando se desfrutou delas, não se tem atrativo pela carne e nem pelo sangue ou por tudo o que é do mundo.

Enquanto nossa vida sensorial permanece elevada por sua união ao espírito que nos faz cultivar Deus, buscá-lo e amá-lo, a pureza e a castidade da alma e do corpo nos estão asseguradas.

Mas, quando devemos descer, para prover as necessidades da vida sensorial, precisamos vigiar nossa boca por causa da gula; nossa alma e nosso corpo, por causa da preguiça; nossa natureza, por causa das tendências impuras.

Evitemos as más companhias, fujamos daqueles que amam mentir, maldizer, jurar, blasfemar Deus, que são impuros nas palavras e nas ações. É preciso temê-los e fugir deles como do demônio do inferno.

Vigie também seus olhos e seus ouvidos, para não ver nem ouvir o que não lhe é permitido fazer. Por isto, mantenha-se puro. Ame estar só. Tema se dispersar. Fre-

quente sua igreja e que suas mãos se ocupem com boas obras. Odeie a ociosidade, fuja de um bem-estar desordenado e não se apegue a você mesmo. Ame o que é vida e verdade e, mesmo se você se acredite puro, fuja, todavia, das oportunidades para o pecado. Ame a penitência e o trabalho.

Lembre-se de São João Batista. Ele era santo antes de nascer e, no entanto, desde seus mais jovens anos, ele deixou pai e mãe, honrarias e riquezas do mundo e, para fugir de toda oportunidade para o pecado, ele foi para o deserto. Ele era inocente e sua pureza o igualava aos anjos. Ele vivia da verdade e ele a ensinava aos outros. Ele foi, enfim, levado à morte por causa da justiça e sua santidade foi louvada acima de qualquer outra[11].

Lembre-se também dos antigos Padres que viviam nos desertos do Egito. Eles deixaram o mundo e crucificaram a carne deles e toda tendência da natureza, combatendo o pecado através da penitência, o jejum, a fome, a sede e a privação de tudo o que eles podiam evitar.

Observe agora a sentença que foi pronunciada por Cristo contra o *homem rico que se vestia com púrpura e linho finíssimo e que todos os dias se banqueteava e se*

[11] Cf. Lucas 7: 28. *Entre os nascidos de mulher não há maior que João*.

regalava, no meio de delícias e do luxo e que não dava nada a ninguém. Ele morreu e foi sepultado pelos demônios no inferno. Lá, ele sofre e arde nas chamas infernais e deseja uma gota de água para refrescar sua sede, sem poder obtê-la.

O pobre Lázaro, pelo contrário, que jazia à sua porta, faminto e sedento e todo coberto de chagas, desejando as migalhas e os restos que caíam de sua mesa e ninguém lhe dava. Ele morreu, por sua vez e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. Lá, só há delícias sem dor, vida eterna sem morte[12].

CAPÍTULO 04

O quarto degrau do amor.

O quarto degrau da nossa escada celeste é a humildade verdadeira, ou seja, a consciência íntima da nossa baixeza. Através dela, vivemos com Deus e Deus vive conosco em uma paz verdadeira e nela está o fundamento vivo de toda santidade.

[12] Cf. Lucas 16: 19-31.

Pode-se compará-la a uma fonte de onde jorram quatro rios de virtudes e de vida eterna. O primeiro é a obediência, o segundo a mansidão, o terceiro é a paciência e quarto é o abandono da vontade própria.

O primeiro rio que jorra de um solo verdadeiramente humilde é a obediência, pela qual nós nos fazemos humildes e desprezíveis perante Deus, nos submetendo aos seus mandamentos e nos colocando abaixo de toda criatura.

Ela nos faz escolher o último lugar no céu e na terra e nos impede de nos compararmos a quem quer que seja em virtudes ou em vida santa, consistindo nosso único desejo não ser mais do que um escabelo sob os pés da majestade divina.

É então que o ouvido se torna humildemente atento, para ouvir as palavras de verdade e de vida que vem da Sabedoria de Deus e as mãos estão sempre prontas para cumprir sua caríssima vontade.

Ora, essa vontade divina nos leva a desprezar a sabedoria do mundo e a seguir Cristo, a Sabedoria de Deus, que se fez pobre para nos tornar ricos, que se tornou servidor para nos fazer reinar, que morreu, enfim, para nos dar a vida e é ele também que nos ensina a verdadeira

vida, quando diz: *Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me*[13]. *Onde eu estiver, estará ali também o meu ministro*[14].

Depois, para que saibamos como segui-lo e servi-lo, ele nos diz: *Aprendai comigo, porque eu sou manso e humilde de coração*[15].

A mansidão é, de fato, o segundo rio de virtudes que jorra do solo da humildade. *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra*[16]. Ou seja, sua alma e seu corpo em paz, pois sobre a pessoa mansa e humilde repousa o Espírito do Senhor e quando nosso espírito é assim elevado e unido ao Espírito de Deus, carregamos o *jugo* de Cristo, que é *suave* e doce e estamos carregados com um *fardo leve*[17].

Seu amor não conhece labor. Quanto mais amamos, mais leve é nossa carga, pois carregamos o amor e ele nos carrega, acima de todos os céus, para aquele que amamos.

Aquele que ama, de fato, corre para onde quer e se doa. Todos os céus lhe estão abertos. Ele tem sua alma

[13] Mateus 16: 24.
[14] João 12: 26.
[15] Mateus 11: 19.
[16] Mateus 5: 4.
[17] Mateus 11: 30.

em suas mãos e ele a coloca sempre ao dispor de sua vontade. Ele encontrou nele mesmo o tesouro de sua alma: Cristo, seu querido Bem-amado.

Se, então, Cristo vive em você e você nele, você deve imitá-lo em sua vida, em suas palavras, em suas ações e em seus sofrimentos. Seja manso e clemente, misericordioso e generoso, indulgente para todo aquele que precisa do seu socorro.

Não tenha ódio e nem inveja. Não despreze e nem aflija ninguém com palavras duras, mas perdoe tudo. Não zombe e não mostre desdém, nem por palavras, nem por atos, nem por sinais ou qualquer atitude. Não demonstre rudez ou aspereza, mas seja de costumes sérios e com um exterior alegre.

Escute e aprenda de bom grado, com todos, o que você saber. Não desconfie de ninguém e evite julgar o que lhe está oculto. Não discuta com quem quer que seja para mostrar que você é mais sábio. Seja manso como um cordeiro, que não sabe se irritar, mesmo quando está para morrer. Desta forma, deixe as coisas acontecerem e permaneça em silêncio, seja o que for que lhe façam.

Dessa mansidão íntima jorra um terceiro rio, que consiste em viver com toda paciência. Ser paciente é sofrer de bom coração, sem repugnância.

A tribulação e o sofrimento são os mensageiros do Senhor e, por eles, ele nos faz uma visita. Se recebemos estes enviados com um coração alegre, então ele mesmo vem, pois ele disse, através do seu Profeta: *Quando me invocar, eu o atenderei. Na tribulação estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória*[18].

O sofrimento suportado pacientemente é como a veste nupcial usada por Cristo quando ele tomou como esposa a Santa Igreja, no altar da santa cruz. Ele se revestiu com ela e depois, toda sua família, ou seja, aqueles que o seguiram desde o início. Estes viram, de fato, que Cristo, a Sabedoria de Deus, escolheu uma vida humilde, desprezada e penosa e este é o fundamento que eles deram a todas as ordens e a todos os estados da religião.

Mas hoje, aqueles que vivem nessas ordens desprezam a vida de Cristo e sua veste nupcial, pois, o quanto eles podem, eles usam as vestes do mundo. Não todos, mas a maior parte.

[18] Salmo 90: 15.

O orgulho, de fato, o prazer, a preguiça e todas as outras malícias reinam agora nas ordens religiosas, assim como no mundo. Com “no mundo”, eu quero me referir aos que vivem em pecado mortal.

Envergonhe-se então, você que deixou Deus e se esqueceu de sua regra e de todos os seus votos. Você vive como os animais e serve o diabo, que lhe dará um salário semelhante àquele que ele recebe por seus pecados.

O discípulo não é superior ao mestre[19]. O diabo reconhecerá bem os seus. Eles habitarão com ele no fogo infernal, *onde haverá choro e ranger de dentes*[20], miséria eterna e sem fim[21].

Quanto a você, seja manso e paciente, pois você deve isto à Paixão de Nosso Senhor. Se você quer subir, é preciso suportar o que a Verdade o ensinar.

O quarto e último rio da vida humilde é o abandono da vontade própria e de toda busca pessoal. Este rio tem sua fonte no sofrimento suportado pacientemente.

[19] Lucas 6: 40.

[20] Mateus 8: 12, 13: 42, 13: 50, 22: 13, 24: 51, 25: 30 e Lucas 13: 28.

[21] A nova edição de D. Ph. Müller acrescenta aqui uma frase que não está na tradução de Gérard Groot e nem no texto editado por David. É um contraste com o que precede: “Mas aqueles que Cristo revestiu com ele mesmo e com seus dons morarão com ele na glória de seu Pai, eternamente e sem fim”.

A pessoa humilde, tocada interiormente pelo Espírito de Deus, consumida e totalmente transportada nele, renuncia então à sua própria vontade e se abandona espontaneamente nas mãos de Deus. Ela se torna assim uma só vontade e uma só liberdade com a vontade divina, de sorte que não lhe é mais possível e nem permitido querer outra coisa que não seja o que Deus quer e este é o fundamento da própria humildade.

Quando, sob a ação da graça de Deus, renunciamos a nós mesmos e abandonamos nossa própria vontade pela caríssima vontade de Deus, então esta vontade se torna a nossa. A vontade de Deus __ que é livre e a própria liberdade __ nos retira o espírito de temor e nos torna livres, desapegados e vazios de nós mesmos, assim como de todo temor que nos oprimiria no tempo e na eternidade.

Deus nos dá então o Espírito dos eleitos que nos faz clamar com o Filho: *Abba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo*[22].

[22] Romanos 8: 15-17.

Então, nos vemos elevados a uma sublime altura, ao mesmo tempo em que, mais humildes em nós mesmos, cheios de graças e dons, na união com Deus.

Esta então é a liberdade mais elevada e a humildade mais profunda, unidas em uma mesma pessoa e os atos que nascem daí são desconhecidos por aqueles que não possuem estas virtudes.

A pessoa realmente humilde é um vaso de eleição de Deus, cheia e transbordante de todos os dons e de todos os bens. Todo aquele que vai até ela com confiança recebe o que deseja e o que precisa.

Mas evite os hipócritas e aqueles que aparentam ser alguma coisa e que acreditam realmente que são alguma coisa. Eles se parecem com alguém que somente está cheio de vento. Quando são apertados e pressionados produzem um som que não é nada gracioso aos ouvidos.

Assim faz o hipócrita orgulhoso que acredita ser santo. Quando é apertado e pressionado, não pode suportar e explode. Ele não quer ser repreendido e nem ensinado. Ele é mau, amargo e arrogante. Na opinião dele, ele não está abaixo de ninguém, mas se coloca acima de todos aqueles que se aproximam dele. Com estes sinais, você pode ver e reconhecer que estes são hipócritas e fal-

sos, propriamente e que ainda não se despojaram de suas próprias vontades.

Seja então humilde, obediente, manso, desapegado da vontade própria e assim você ganhará no jogo do a-mor.

Observe, no entanto, com cuidado, o que lhe falta ainda. Mesmo após você ter triunfado, com a graça de Deus, de todo pecado, pela virtude que está em você, a natureza e os sentidos permanecem, no entanto, vivos, com sua propensão aos pecados e aos vícios. Contra eles, então, você precisará lutar e combater, pelo tempo que o corpo permanecer mortal e não glorioso.

CAPÍTULO 05

O quinto degrau do amor.

Em seguida vem o quinto degrau da nossa escada espiritual do amor. Ele é chamado de a nobreza de toda virtude e de todas as boas obras e consiste em desejar a honra de Deus acima de todas as coisas[23]. Isto foi o que

[23] O quinto degrau do amor já faz parte da via iluminativa. Se, de fato, o primeiro degrau pertence aos iniciantes, o segundo, o terceiro e o quarto àqueles que progridem pela via purga-

praticaram todos os anjos do céu e foi também a primeira homenagem prestada pela alma de Cristo, desde o ventre de sua mãe.

Se então queremos agradar a Deus, esta também é a primeira oferenda a lhe fazer, pois aqui está o fundamento e a origem de toda santidade e, se ela faltar, não há mais nada de bom. Desejar a honra de Deus, buscá-la e amá-la é toda a vida eterna e, ao mesmo tempo, o que Deus reclama de nós, como primeira e mais elevada oferenda.

Aquele que, pelo contrário, se compraz em si mesmo, que busca e procura sua própria glória, não pode agradar a Deus. Quando ele nos presenteia com seus dons, Deus se compraz nele mesmo, pois ele pratica sua própria bondade. Mas, quando nós respondemos aos seus dons praticando a virtude para lhe prestar honra, é então que nós o agradamos, porque entramos em suas visões.

Além disto, seja qual for o comportamento que tenhamos, em qualquer altura da vida e das boas obras que parecemos estar, se buscamos a nós mesmos e não a glória de Deus, estamos no erro, pois a caridade nos faz falta,

---

tiva, o quinto encaminha, pela via iluminativa, para o ápice da perfeição. Cf. *Collat. Brug.*, t. XVII, P. 153.

enquanto que, se buscamos e desejamos humildemente a glória de Deus, com toda nossa alma, com todo nosso ser e com todas as nossas forças, temos a caridade que é a raiz e o fundamento de toda virtude e de toda santidade. Mas aquele que não tem o cuidado com a glória de Deus e busca a sua própria está possuído pelo orgulho, que é a raiz de todo pecado e de toda malícia.

Quando o Espírito do Senhor toca o coração humilde, ele derrama nele sua glória e reclama de volta que este coração se assemelhe a ele em virtudes e, acima de toda virtude, que ele seja um com ele através do amor[24].

Com esta exigência, a alma viva e o coração amoroso se rejubilam, mas eles não sabem como satisfazê-la e como pagar a dívida que lhes é apresentada e reclamada pelo amor.

A alma amorosa compreende bem, no entanto, que a honra e a reverência para com Deus constituem a virtude mais nobre e, ao mesmo tempo, o caminho mais curto para chegar até ele. Assim, ela prefere, a todas as boas

[24] A preocupação com a glória de Deus em todas as coisas é apresentada aqui como inspirada pelo Espírito Santo. Sob esta luz, de fato, a alma compreende que toda ação divina tende à glória eterna do seu Autor, quer se trate da criação, da redenção ou da santificação. É, portanto, a exemplo de Deus que devemos buscar incessantemente sua honra e sua glória, seguros, por nossa vez, de sermos honrados e abençoados por ele, como foi a humanidade santa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

obras e a todas as virtudes, uma prática constante e sem fim da honra e a da reverência para com a majestade divina.

Esta é uma vida celeste que agrada a Deus e esta exigência de sua parte, bem como a resposta dada pela alma viva, eleva todas as forças, o coração, o sentimento e tudo o que vive na pessoa, ao mesmo tempo em que se exaltam todas as forças vitais, as veias se enchem e o sangue fervilha sob este desejo veemente de propiciar a glória de Deus.

A fé cristã nos revela que Deus, nosso Pai onipotente, criou e estabeleceu o céu, a terra e tudo o que eles encerram, para sua glória; que através de seu Filho, a Sabedoria Eterna, ele nos criou e depois recriou; que ele governa e ordena todas as coisas com vistas à sua própria glória; que, por fim, através do Espírito Santo, vontade e amor do Pai e do Filho, tudo foi terminado e consumado para a glória eterna de Deus.

Assim, a Trindade de Pessoas, na Unidade de natureza e a Unidade de natureza na Trindade das Pessoas, é um só Deus onipotente, a quem devemos a honra e a adoração de todo nosso poder.

A mesma honra e a mesma adoração são devidas a Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus e humano em uma só pessoa, pois sua humanidade, que forma um só ente com a nossa, foi, mais do que a de toda criatura, honrada, abençoada e elevada por Deus, que a uniu a ele e, por causa dessa união tão elevada com Deus, a alma e o corpo de Cristo estão repletos de todos os dons e de todas as graças e são a própria plenitude.

É dessa plenitude que recebem todos os seus discípulos que seguem seus passos, graças e socorros múltiplos e tudo o que lhes é necessário para uma vida santa[25]. Em troca, essa nobre humanidade de Nosso Senhor, com a grande família que está unida a ele, prestam ao Pai honra, ações de graças, louvores, reverência eterna, segundo todo o poder que possuem Cristo e todos aqueles que são dele.

Desta forma então, Deus Pai honra seu Filho e, com ele, todos aqueles que seguem seus passos e estão unidos a ele, pois quem honra Deus recebe honra dele. Honrar e ser honrado é a prática do amor.

Não que Deus precise das homenagens que lhes são prestadas, pois ele é para ele mesmo sua própria honra,

[25] Cf. João 1: 16. *Todos nós recebemos da sua plenitude e graça sobre graça.*

sua própria glória e sua própria felicidade infinita. Mas, ele quer que o honremos e o amemos, para que, unidos a ele, possuamos a beatitude.

Vejamos agora de que maneira podemos honrar Deus e louvá-lo.

Quando ele se mostra aos olhos do nosso intelecto, iluminando-o com sua luz, ele nos dá o poder de conhecê-lo através das semelhanças, como em um espelho, onde vemos formas, imagens, semelhanças com Deus[26]. Mas a própria substância que é Deus, não podemos ver de outra maneira que não seja através dele mesmo e isto está acima de nós e ultrapassa toda prática das virtudes.

Devemos então amar e olhar Deus e buscá-lo nas imagens, nas formas, nas semelhanças divinas, para sermos elevados por ele acima de nós mesmos, até à unidade com ele que ultrapassa toda semelhança[27].

Hoje, como por um espelho, confusamente[28], por meio de imagens e semelhanças, já vemos que Deus é grandeza, altura, poder, força, sabedoria e verdade, justiça e clemência, riqueza e liberalidade, bondade e miseri-

[26] Cf. Romanos 1: 20. *Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência através de suas obras, de modo que não podem se desculpar.*
[27] Cf. *Le livre du royaume des amants de Dieu*, cap. 34.
[28] 1 Coríntios 13: 12.

córdia, fidelidade e amor sem fundo, vida, recompensa, alegria sem fim e felicidade eterna.

Há muitos outros atributos ainda, mais do que podemos compreender e enumerar. A razão e o intelecto desenvolvem uma grande estupefação sobre isto e nosso amor pleno de desejos anseia louvar e honrar Deus como lhe é digno.

CAPÍTULO 06

Três maneiras de honrar Deus.

O desejo inflamado que acabamos de mencionar convida o Espírito do Senhor a nos ensinar três tipos de exercícios que nos tornam capazes de propiciar a Deus toda a honra que estiver em nosso poder.

O primeiro nos une a Deus sem intermediário. O segundo nos une à sua vontade por meio da graça e das nossas boas obras. O terceiro, por fim, nos mantém unidos a Deus e nos faz crescer e progredir em graça, em virtude e em toda forma de santidade.

No primeiro tipo de exercício, há três processos de união a Deus, que consistem em adorá-lo, em honrá-lo e em amá-lo.

O segundo conta também com três e que são desejar, rezar e pedir.

O terceiro, enfim, tem também três processos, que são: dar graças a Deus, louvá-lo e bendizê-lo.

Primeiro que tudo, adorar Deus é, para a fé cristã, fixá-lo acima da razão, em espírito, com uma grande reverência, como um poder eterno, Criador e Senhor do céu e da terra e de tudo o que é do mundo. Honrar Deus é se abandonar e se esquecer, assim como de toda criatura, para buscá-lo incessantemente sem mais olhar para trás, com uma veneração eterna.

O terceiro processo, enfim, consiste em possuir Deus somente, em buscá-lo e em amá-lo, não por interesse pessoal, para nossa glória ou nossa salvação, nem por alguma coisa que ele possa nos dar, mas amá-lo somente por ele mesmo e para sua própria glória.

Esta é a caridade perfeita que nos une a Deus e pela qual habitamos nele e ele em nós.

CAPÍTULO 07

O segundo tipo de exercício.

Da caridade, tal como acaba de ser descrita, nasce o segundo tipo de exercício espiritual, que compreende também três processos. Eles consistem em desejar, em rezar e em pedir. Desejar no coração, rezar com a boca e pedir em espírito.

Devemos primeiro desejar, com uma devoção fervorosa, a graça e a ajuda de Deus, para sua honra e por causa da necessidade que temos disto para servi-lo. Este desejo fará arder nossa alma para cumprir, com amor e entusiasmo, a caríssima vontade de Deus, segundo todo nosso poder. Depois, ele fará nascer outro tipo de exercício, que consiste em rezar com o coração e a boca juntos.

Devemos, de fato, suplicar nosso Pai celeste, fonte de *toda dádiva boa* e de *todo dom perfeito*[29], que nos comunique o espírito de temor filial, pelo qual seremos repletos de reverência para com ele e de cuidado para não irritá-lo com nossos pecados.

Nós lhe pediremos o espírito de piedade, que nos fará, em seu nome e pela virtude, sermos mansos, clementes, humildes e misericordiosos para com todo aquele que se dirige a nós, mas também o espírito de ciência, que nos permitirá agir perante ele e aos olhos de todas as pessoas,

[29] Tiago 1: 17. *Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima; descem do Pai das Luzes*.

com honestidade de costumes, com toda sinceridade de palavras e de ações, para o que deve ser feito ou omitido.

Da mesma forma, poderemos suportar o sofrimento e controlar todas as coisas em nossa vida, de maneira a que ninguém fique escandalizado por nossa causa, mas, pelo contrário, que cada um se torne melhor em todas as maneiras.

Rogaremos também ao nosso Pai celeste para que ele nos dê o espírito de força, que nos tornará capazes de vencer todos os inimigos, o demônio, o mundo e nossa própria carne, pois este é o meio de viver em paz com Deus.

Rogaremos ao Pai das luzes e de toda verdade que nos conceda o espírito de conselho, para que possamos seguir os passos de Cristo acima de todos os céus e desprezar o mundo com tudo o que lhe pertence. Assim, seremos verdadeiros discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus imitadores.

Desejaremos também e rogaremos para que Deus nos conceda o espírito de inteligência verdadeira, para que nossa razão se torne clara e possamos compreender toda verdade necessária no céu e na terra.

Por fim, pediremos ao nosso Pai onipotente e a Jesus Cristo, seu Filho eternamente amado, que nos conceda o espírito de sabedoria, que nos inspirará o desgosto e o desprezo por tudo o que passa. É desta forma então que seremos capazes de ver, de desfrutar e de sentir a doçura de Deus, que é um abismo sem fundo e, com toda confiança, chamaremos a nós o Espírito Santo, o Senhor de toda graça e de toda glória, de quem vem todo dom e toda santidade, no céu e na terra.

Este é o segundo tipo de exercício, pelo qual desejos, preces e súplicas vão até nosso Pai celeste, para que ele nos torne semelhantes a ele e nos faça seguir seu Filho, para possuir com eles a glória que lhes pertence, na unidade do Espírito Santo, eternamente e sem fim.

CAPÍTULO 08

O terceiro tipo de exercício.

Há um terceiro tipo de exercício que nos consuma em virtude e nos dá toda a ornamentação de uma vida santa. Exercita-se nele de três maneiras, que consistem em agradecer a Deus, em louvá-lo e em bendizê-lo.

De fato, devemos agradecer a Deus, louvá-lo e bendizê-lo. Primeiro, por ele ter criado o céu e a terra e tudo o que eles contêm, para sua glória e para o nosso bem, por nos ter feito à sua imagem e semelhança e por nos ter feito senhores de tudo o que está no mundo. Depois, quando nosso primeiro pai segundo a natureza, por sua desobediência, caiu em pecado, nos arrastando todos com ele, nosso Pai eterno e onipotente quis, com sua graça, apagar nossos pecados e ele nos deu seu próprio Filho, que carregou nosso fardo, nos ensinou o caminho da verdade e no-la mostrou em sua própria vida, se colocando humildemente a nosso serviço e obediente até a morte, para nos fazer viver com ele em sua glória, eternamente e sem fim.

É então com toda justiça que agradecemos, louvamos e bendizemos nosso Pai celeste e seu Filho glorioso, assim como seu Espírito comum, por terem operado essa grande maravilha por amor a nós.

Devemos ainda agradecer, louvar e bendizer nosso querido Senhor Jesus Cristo, que é um com o Pai, por nos ter dado e entregado sua carne, seu sangue e sua gloriosa vida, no santo sacramento. Nele está, de fato, o alimento,

a bebida, a vida eterna e tudo o que podemos desejar, em uma abundância muito maior do que podemos desejar.

Em troca, devemos oferecer ao nosso Pai seu Filho ferido, martirizado e morto por amor a nós e isso em união com todos os sacrifícios que sempre foram oferecidos em seu nome por bons sacerdotes, fazendo, ao mesmo tempo, uma homenagem à majestade divina, por todas as obras realizadas ao seu serviço pela santa cristandade e todos os bons, desde o primeiro até o último.

Agradeceremos novamente e louvaremos Nosso Senhor Jesus Cristo pela grandeza de Maria, sua querida Mãe, que ele escolheu para tal, no meio do mundo inteiro.

Ele condescendeu, de fato, permitir que ela o concebesse do Espírito Santo, que ela o carregasse e o gerasse sem mácula e nem dor, Mãe e Virgem ao mesmo tempo e que ela o amamentasse, enfim, com seu casto seio.

Os anjos cantaram: "Glória aos céus!" E ele, em sua manjedoura, chorou diante de sua Mãe. Esta o adorou e o olhou como seu Deus e seu Filho. Ela o serviu com grande respeito e ele, em troca, a tratou como um filho carinhoso trata sua mãe querida. Ela podia lhe pedir e lhe ordenar, como ao seu Filho. Jamais se viu tão grande maravilha!

Quanto à grandeza de Maria em virtudes e em vida santa, ninguém pode descrevê-la ou traduzi-la. De uma humildade profunda, uma elevada pureza, uma caridade ampla e abundante, ela é plena de misericórdia para com todos os pecadores que suplicam a ela.

Ela é a Mãe de todas as graças e de todos os favores, nossa advogada e nossa mediadora junto ao seu Filho. Ele não pode recusar nada do que ela deseja, porque ela é sua Mãe e está sentada à sua direita. Com ele, ela carrega a coroa, como uma rainha. Ela é soberana do céu e da terra, a mais elevada de todas as criaturas e a mais próxima dele.

É por isto que devemos agradecê-lo e louvá-lo pela grande honra que ele concedeu à sua Mãe e a nós todos, na natureza humana, pois a ingratidão faz secar a fonte das graças de Deus.

Agradecer, louvar e bendizer Deus é a primeira obra que praticaram as criaturas e será assim eternamente. Ela nasceu nos céus, quando o arcanjo São Miguel, lutando com seus anjos contra Lúcifer e seu povo, para ver quem guardaria o céu, Lúcifer foi derrotado com todo seu exército e caiu das alturas, como um relâmpago e uma chama

ardente, *porque todo aquele que se exaltar será humilhado*[30].

Então, todos os coros e todas as ordens, todas as dominações poderosas do céu ficaram em alegria e o anjo mais elevado dentre os Serafins entoou o louvor eterno de Deus, que todo o coro celeste acompanhou e todos deram graças a Deus pela vitória e agora eles o adoram e o louvam, porque ele é seu Deus, eles o amam e desfrutam dele eternamente, para sua glória.

CAPÍTULO 09

O que fazem por nós as hierarquias superiores.

Os espíritos da hierarquia mais elevada, que são os Tronos, os Querubins e os Serafins, não nos acompanham na luta travada por nós para vencermos nossos pecados. Conosco, eles somente vivem no estado em que, acima da luta, somos elevados para Deus em toda paz, contemplação e amor eterno.

[30] Lucas 14: 11.

As três ordens da hierarquia média são os Principados, as Potências e as Dominações. Eles nos são dados para combater conosco contra o demônio, contra o mundo e todos os vícios. Contra tudo o que, enfim, constitui um obstáculo no serviço a Nosso Senhor. Eles nos ordenam, nos governam e nos ajudam a levar até o fim uma vida íntima ornamentada com todas as virtudes.

De fato, quando, pela graça de Deus e o socorro dos anjos, somos vencedores do mundo e de tudo o que lhe pertence, nos tornamos reis e príncipes, por dominarmos este mundo e o Reino dos Céus é nosso. É então que o quarto coro de anjos, que são chamados de Principados, nos presta seus serviços para a honra de Deus.

Além disto, quando nos rebaixamos, nos desprezando e nos humilhando, de coração e do fundo da alma, abaixo de todas as criaturas, para a honra de Deus, somos vencedores do demônio e de todo seu poder.

O quinto coro de anjos, que são chamados de Potências, nos acompanha e nos presta sua ajuda na prática de nossa vida íntima, para nos assegurar da vitória, para a glória de Deus.

Mas há algo mais. É quando uma pessoa se despreza e se humilha abaixo de todos os bons, não se consideran-

do digna de se comparar a ninguém em virtude, não julgando ninguém, além disto e só condenando a si mesma. Tudo o que ela pode fazer de virtuoso lhe parece de pouco valor e como se fosse nada, pois a sensação da justiça de Deus e o da sua própria baixeza não a deixam repousar. Noite e dia, ela ouve em seu coração: "Você louvará Deus e o servirá".

Esta voz lhe corrói o coração no peito e a medula nos ossos. A fome e o ardor de servir Deus são tão grandes que tudo o que ela pode fazer de bom é consumido em um instante e não lhe dá nenhum repouso. Assim, ela se indigna e se irrita consigo mesma, se sentindo impotente para fazer o tanto de bem que ela gostaria.

Ela não tem mais complacência natural por si mesma e nem para com nenhuma criatura. Isto está morto nela e desapareceu.

Mas ela só sabe e sente uma coisa: louvar Deus e servi-lo e, ao ver que não pode fazer isto como gostaria, ela se odeia e se despreza, pois o Espírito do Senhor impõe incessantemente, aos seus desejos, uma nova tarefa de serviço, de louvor e de outras coisas, que ela não pode cumprir. Quanto mais ela dá, mais ela deve dar e isto é a causa, para ela, de desejos inquietos.

Quando então esta pessoa humilde vê bem e compreende que não pode cumprir o que Deus exige dela, ela cai aos pés do Senhor, clamando: “Senhor, eu não posso cumprir o que me pedes. Eu me abandono e me entrego em vossas mãos. Fazei de mim o que desejares”.

A este humilde abandono, Nosso Senhor responde: “Seu abandono e sua confiança me agradam. Eu lhe dou meu espírito de liberdade e de verdade, para que você só coloque sua complacência em mim, acima de todas as boas obras e ações virtuosas”.

Observem que a complacência mútua que existe entre Deus e a pessoa realmente livre e humilde é a raiz da caridade e de toda santidade na vida interior. A pessoa que se exercita nisto não pode ser tentada por nenhum pecado, pois todos os inimigos fogem diante dela, como a serpente diante da vinha em flor[31].

Esta mesma complacência mútua é também a obra mais elevada e a mais nobre que há na vida íntima. Todas as virtudes e todas as boas obras nela se consumam e se ordenam, pois Deus derrama então sua graça e o ser interior oferece, em troca, a Deus, todas as suas obras.

[31] Cf. São Boaventura. *Vitis mystica*. Cap. 14.

Assim, crescem e se renovam incessantemente a graça e as boas obras, pois Deus fala no íntimo da pessoa e lhe diz: "Eu lhe dou minha graça. Dê-me suas obras". Depois, se dirigindo também à boa vontade e à liberdade dos desejos, ele acrescenta: "Dê-se a mim, que eu me dou a você. Você quer ser minha? Eu quero ser seu".

Estes são convites e respostas que são feitas no interior, no espírito e não exteriormente, através de palavras.

A alma amorosa responde então:

"Senhor, vós viveis em mim com vossas graças e eu me comprazo em vós, acima de todas as coisas. Eu devo vos amar, vos agradecer e vos louvar e eu não posso me abster disto, pois isto é para mim a vida eterna.

"Vós sois meu alimento e minha bebida. Quanto mais eu como, mais tenho fome. Quanto mais eu bebo, mais tenho sede. Quanto mais possuo, mais eu desejo.

"Vós sois mais doce ao paladar do que um favo de mel e acima de toda doçura que se possa medir.

"Sempre permanecem em mim a fome e o desejo, pois não posso vos esgotar. Sois vós que me devorais ou sou eu que vos devoro? Eu não sei, pois, no fundo da minha alma eu sinto as duas coisas.

"Vós exigis de mim que eu seja um convosco e isto me dá uma grande dor, pois não quero abandonar minhas práticas para dormir em vossos braços. Eu só posso vos agradecer, vos louvar e vos dar honras, pois isto, para mim, é a vida eterna

"Encontro em mim certa impaciência e eu não sei o que é. Se eu pudesse obter a unidade com Deus e permanecer, no entanto, com minhas obras, então eu cessaria todas as minhas queixas.

"Que Deus, que conhece toda necessidade, faça de mim o que ele quiser! Eu me coloco inteiramente em seu poder e assim permanecerei intrépido em todo sofrimento".

A isto, o Espírito do Senhor responde, no íntimo da alma, sem palavras exteriores, mas no fundo mais profundo dos sentidos: "Querida bem-amada. Eu sou seu e você é minha. Eu me dou a você acima de todos os meus dons e, em troca, eu a reclamo e eu a atraio para mim acima de todas as suas boas obras".

Quando, em seu íntimo, a alma segue a atração divina, de maneira a se dar livremente ao Espírito de Nosso Senhor, ela sente então um amor imenso no qual ela é como que envolvida por todos os lados e é assim erguida

acima dela mesma e de todos os dons, até o Espírito do Senhor e desfruta de uma felicidade infinita que ela não pode compreender e para onde ela flui inteiramente. Ela é abraçada e tomada totalmente entre o amor imenso e a felicidade sem fim, sob o olhar do próprio amor.

Mas, o tempo é curto, pois o amor não pode permanecer ocioso. Ele grita bem alto no íntimo da alma: "Agradeça, louve, honre vosso Deus. Este é o conselho do amor e seu mandamento".

Isto é o que pode ser mais nobre e mais elevado como exercício de vida interior e é o que há de mais próximo da vida contemplativa. É-se nele semelhante aos anjos do sexto coro, que são chamados de Dominações, porque eles dominam os cinco coros ou ordens que estão abaixo deles.

É desta maneira, de fato, que o tipo de exercício que descrevemos é elevado acima de todos aqueles que se podem praticar na vida interior.

CAPÍTULO 10

Os dois caminhos que Cristo nos ensinou.

Cristo, o Filho do Deus vivo, nos ensinou e praticou em sua vida, dois caminhos que podem nos conduzir à vida eterna, se quisermos seguir seus passos. O primeiro caminho é o dos mandamentos e o segundo é o dos conselhos.

O Senhor diz, de fato: “Se você quer ser perfeito e se tornar meu discípulo, deixe tudo o que lhe for caro: *irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos, terras ou casa*[32] e tudo o que, no mundo for uma perturbação e um obstáculo à sua tendência íntima para Deus. Deixe tudo isto e se despreze, se quiser se parecer comigo, pois *como o Pai me enviou, assim também eu o envio*[33] e eu não tive *onde reclinar a cabeça*[34]”.

Assim, você não pode manter neste mundo nenhum apego nem nenhuma afeição, mas você deve abandonar tudo se quiser crescer na vida íntima. Se você for capaz disto, você se torna então discípulo de Cristo e *pobre em espírito*[35]. Você reinará e dominará o mundo inteiro, do qual você se tornou vencedor e mesmo que não tenha na-

[32] Mateus 19: 29.
[33] João 20: 21.
[34] Lucas 9: 58.
[35] Mateus 5: 3.

da próprio, você possuirá, porém, todas as coisas em Deus, que lhe deu o poder de vencer.

Cristo diz também: “Aquele que deixou tudo o que podia lhe ser caro, que me siga”[36]. Ou seja, deixou de se comprazer consigo mesmo e passou a prestar honras a Deus.

Isto foi o que fez, de fato, Cristo, quando disse: “Eu busco a honra do meu Pai, que me enviou. *Se glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada*[37]”.

De sorte que a pessoa se parece com o Filho de Deus, de quem recebeu a sabedoria que torna humilde.

Por fim, Cristo diz também: *Se alguém quer me seguir, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*[38]. Disto, ele mesmo deu o exemplo, se renunciando até a entrega do seu corpo à morte nas mãos dos seus inimigos e submetendo seu espírito à vontade do seu Pai e quando ele deu tudo o que ele era e tudo o que era capaz, ele clamou bem alto: *“Tudo está consumado”* e, inclinando *a cabeça, rendeu o espírito*[39].

---

[36] Cf. Mateus 19: 21. *Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e siga-me!*
[37] João 8: 54.
[38] Lucas 9: 23.
[39] João 19: 30.

Se então, nós também, quisermos ser perfeitos na caridade e na vida íntima, é preciso que abandonemos inteiramente a nós mesmos à caríssima vontade de Deus. Devemos também estar dispostos e prontos a morrer pela honra de Deus e também pelo nosso próximo, se pudermos assim lhe assegurar a vida eterna. É então que nossa caridade é perfeita para com Deus para com o próximo e isto nos faz nos assemelharmos ao Espírito Santo, que opera todas as obras do amor e que as consumará na vida eterna.

A prática sincera perante deus destas três renúncias constitui o conselho de Nosso Senhor e uma via oculta para chegar a Deus, que poucas pessoas encontram, pois somente a pobreza exterior, sem a prática interior e as outras virtudes, não bastam para encontrá-la. Pelo contrário, a riqueza, quando usada sabiamente e distribuída liberalmente aos pobres, para a honra de Deus, encontra esta via que permanece oculta à pobreza fingida ou não voluntária.

Mas há também uma via comum para chegar a Deus: são os mandamentos do Senhor.

Cristo diz, de fato: *Se queres entrar na vida, observa os mandamentos*[40]. E ele diz também: *Se guardardes os meus mandamentos, sereis constantes no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e persisto no seu amor*[41], pois amar é o primeiro e o maior dos mandamentos e ninguém pode amar se não vive na fé cristã.

Àquele que acredita, tudo é possível, mas o descrente é um carvão do inferno. Se você quer guardar os mandamentos de Deus, você deve acreditar, colocar nele sua confiança e se purificar de todo pecado, segundo a Lei cristã e os preceitos da Santa Igreja.

É preciso também obedecer de bom grado a Deus e aos seus superiores, conforme os costumes e as boas práticas que são cumpridas comumente na Santa Igreja. Tudo isto segundo seu poder, com uma sábia discrição e de acordo com a conduta comum das pessoas prudentes e os hábitos da região onde você mora.

Você deve conhecer os dez mandamentos e adequar sua vida segundo eles.

[40] Mateus 19: 17.
[41] João 15: 10.

Você deve temer e fugir dos sete pecados capitais, para não irritar Deus e merecer as penas eternas.

Jejue e observe as festas.

Seja zeloso e empenhado em todas as boas obras, como estiver em seu poder.

Seja fiel a Deus e a você mesmo em todas as coisas boas, como um bom servidor para com seu senhor, esperando que ele o conduza a ele.

Esta é uma via conforme os mandamentos, aos quais estamos todos vinculados.

Assim, os anjos de Deus que pertencem ao último coro nos assistem todos os dias de nossa vida, para que possamos nos apresentar, diante da face do Senhor, puros e sem nenhuma mácula de pecado. Este é o primeiro estágio ou o degrau inferior de uma vida ativa. Nele, somos semelhantes aos anjos do último coro, que são chamados de mensageiros de Deus.

Há depois um segundo estágio, uma via mais elevada na vida ativa. É a paciência que não sabe prejudicar. Essa disposição em não prejudicar ninguém nasce da caridade e a paciência é sua irmã[42].

[42] Os termos do original *onnoozel* (inocente) e *onnoozelheid* (inocência) devem ser tomados no sentido ativo de não prejudicar. Mas a leitura das passagens paralelas mostra que esta disposi-

Estas três virtudes, com a graça de Deus, geram todas as boas obras, porque elas refreiam as más tendências da natureza e toda distinção de virtudes está contida implicitamente nessa inocente paciência, pois aquele que a possui vive na paz de Deus. Ele é humilde, manso, obediente, benevolente, afável e cortês, simples, sem fingimento, pronto para suportar tudo, cheio de flexibilidade, enfim, para com todo bem, pois ele é dócil e se deixa instruir pelo Senhor e recebe dele assim, incessantemente, a regra da verdadeira paz.

Quando você possuir então o conjunto destas virtudes, você estará no segundo estágio, onde se assemelha aos arcanjos, que constituem o segundo coro e que comandam e presidem todos os anjos da ordem inferior, na primeira hierarquia e assim, você ultrapassa todos aqueles que vivem no estágio inferior das boas obras, onde se pode se salvar.

Há, enfim, um terceiro estágio, onde toda vida ativa agradável a Deus chega ao seu pleno desenvolvimento.

Vejam que, quando uma pessoa simples observa a Lei e os mandamentos porque Deus quer e ordena e não

ção é também chamada de "compaixão" ou "simpatia" e está relacionada ao dom da "piedade", característica, aliás, do segundo estágio da vida ativa. Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 15 e Waffelaert, *Union de l'âme aimante avec Dieu*, p. 122.

por costume ou por necessidade, ela é justa e agradável a Deus, no degrau mais humilde da vida. Depois, quando ela se eleva e se torna ornamentada interiormente com numerosas virtudes, de maneira a se assemelhar a Deus, aos seus anjos e a todos os santos, assim como a todas as pessoas justas, por estima à virtude e ódio ao vício, com vistas à vida eterna e para a paz de sua consciência, para a alegria, enfim e o bem-estar que ela desfruta na sinceridade de sua vida, ela se torna então muito mais agradável a Deus do que as pessoas comuns do coro inferior.

Mas quando, ao se elevar acima de todas as boas obras no exterior e a todas as virtudes íntimas no interior, ele volta seus olhares e os fixa em seu Deus, com confiança e na fé cristã, buscando-o e o amando acima de todas as coisas e depois permanecendo lá e se dedicando a isto preferencialmente a todo o resto, ela possui então o terceiro estágio, onde toda via ativa se consuma. Assim, se assemelha realmente aos anjos do terceiro coro na hierarquia inferior, que são chamados de Virtudes, pois as virtudes são consumadas quando a pessoa as oferece todas a Deus, buscando-o e o amando acima de tudo[43].

[43] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 18 e *A ornamentação das núpcias espirituais*, Livro I, cap. 25.

Esta então é uma vida ativa perfeita, composta de três estágios que nos levam à vida eterna e cada vez mais alto, conforme somos beneficiados por graças e segundo nosso mérito perante a face de Deus.

Se você tem a experiência desta vida e se você quer conservá-la e se estabelecer nela, é preciso que você seja vazio e desapegado de você mesmo e de toda criatura, sem que lhe seja permitido se comprazer com elas de nenhuma maneira. É preciso também focar em Deus, buscá-lo, amá-lo e se dedicar a ele, buscando sua honra acima de qualquer coisa. Desta maneira, você poderá se estabelecer e permanecer diante da face de Deus, em uma reverência eterna.

CAPÍTULO 11

Como muitos se acreditam santos e se enganam de muitas maneiras.

Encontra-se muita gente cheia de complacência com eles mesmos, que imaginam levar uma vida santa e serem grandes diante de Deus e que, no entanto, se enganam de muitas maneiras, pois aqueles que não são desapegados de si mesmos, nem mortificados em suas vidas, não pode-

riam ser também elevados e experimentados na vida da graça e nem provados perante a divina majestade.

Eles podem ser dotados de inteligência e de razão sutil, mas eles se comprazem com eles mesmos e buscam agradar as pessoas e isto é se desviar de Deus. Da mesma forma, isto também é a raiz principal de todo pecado.

Assim, tais pessoas buscam se elevar acima das outras e mesmo acima de todo o mundo, se isto fosse possível. Elas não querem se submeter sinceramente a ninguém, mas desejam, pelo contrário, que se inclinem perante o que lhes parece bom.

Elas são desagradáveis e cheias delas mesmas e querem sempre ter razão frente aos seus contraditores. Elas se ofendem facilmente, são descontentes, irascíveis, melindrosas, más, duras e arrogantes em suas palavras, em seus atos e em suas atitudes.

Assim, é impossível viver em paz com elas. A paz, elas também não têm nelas mesmas, pois só pensam em vigiar e julgar todo mundo, mas não suas próprias pessoas.

Sempre cheias de suspeitas e pensamentos maledicentes, só tendo desprazer, rancor e despeito interior para com todos aqueles que não lhes agradam, elas estão

constantemente atormentadas e inquietas, acreditando saber mais e melhor do que todo mundo.

Cheios se zelo para instruir os outros, para ensiná-los, repreendê-los e corrigi-los, eles não suportam, pelo contrário, serem instruídos, ensinados, repreendidos por ninguém, pois se acreditam os mais sábios do mundo.

Tirânicos e desprezíveis com relação aos seus inferiores ou seus iguais, quando estes não lhe dão a honra e o amor que acham que merecem, eles são briguentos e levados à injúria, zombando muitas vezes com aspereza e amargura de coração, pois não têm a unção do Espírito Santo.

Eles tomam, de bom grado, a palavra, entre as pessoas de bem, se acreditando autorizados a falar perante todos, sábios que são, aos olhos deles, acima de todos. Sob uma atitude humilde, eles escondem seu orgulho e seu ódio toma aparências de justiça.

Eles demonstram muita afabilidade e consideração para quem os lisonjeia e os faz parecerem bons.

Com seus próprios assuntos, eles não sabem ser muito solícitos, atentos e cuidadosos. Eles se alegram e se entristecem à maneira do mundo, segundo o bem ou o mal dos seus interesses terrenos.

Louve-os ou censure-os na cara e você verá bem o que eles são. Eles só têm, aliás, ansiedade ou tristeza para o que lhes toca: a doença, a morte, o inferno, o purgatório, os julgamentos de Deus e sua justiça.

Preocupados com eles mesmos, eles temem e receiam tudo o que pode lhes acontecer, pois amam a eles mesmos de uma maneira descontrolada e não por Deus e nem com vistas a Deus.

É por isto que eles são inquietos e constrangidos em suas vidas, envergonhados na presença de Deus e cheios de preocupações e temores por todos os interesses do mundo. Eles estão aos pés dos descrentes, com medo que lhes sejam retiradas vida e riquezas, que seus bens lhes sejam roubados ou que não sejam pagos.

Eles temem se tornar pobres, miseráveis e desprezados, velhos e doentes, sem o consolo dos amigos ou dos bens terrenos. São estas preocupações descontrolados e insensatas que alimentam um velho fundo de avareza e que levam, às vezes, até à loucura.

São encontradas até nas ordens e no estado religioso pessoas deste tipo, totalmente cheias ainda com suas vontades próprias e não mortificadas nelas mesmas. Elas temem que algum superior ou prelado entre em suas vidas,

as perturbe e não tenha por elas suficiente estima e pensam que eles não poderiam suportar tal coisa e veriam o que se passa nas cabeças delas contra aqueles que elas acreditam ser hostis a elas.

“Se este se tornar meu superior, como eu poderia ser submisso a ele e lhe obedecer? Ele não me ama. Ele poderia me oprimir e me desprezar em todas as circunstâncias e todos os seus amigos se juntariam a ele contra mim”.

Esta ansiedade os faz gelar o sangue. Eles se irritam e dizem também a eles mesmos: “Não. Isto é impossível. Eu perderia o sentido com isto ou então eu deveria deixar o claustro”.

Estes são temores tolos, uma prudência descontrolada e uma previdência que parte de um fundo de orgulho. Se eles mesmos se tornassem superiores, aí então é que eles oprimiriam e desprezariam todos aqueles que se opusessem a eles e todo aquele que não se curvasse aos seus beneplácitos, pois eles acreditam governar e ordenar todas as coisas melhor e mais sabiamente do que ninguém.

Assim, eles criticam geralmente em seus corações os superiores e aqueles que estão em posição de mando e

eles o fazem também perante aqueles que eles sabem que estão dispostos a ouvi-los.

Os louvores dados aos outros lhes são penosos, pois eles se acreditam menos estimados.

Eles não admitem, aliás, superioridade de vida em ninguém acima do que eles sabem e do que eles conhecem. São pessoas, enfim, que se consideram mais sábias e mais prudentes do que todos aqueles que os rodeiam e, no entanto, são inábeis e inaptas para obter a verdadeira santidade.

Desta forma então, que cada um se experimente, se examine e julgue seu espírito e seus pendores naturais, para ver se não sente ou não encontra em si alguma coisa que deva eliminar e derrotar, para adquirir a verdadeira santidade.

Precisamos, de fato, morrer para o pecado, para viver para Deus. Precisamos ser vazios de imagens e nos desapegarmos do que nos agrada ou nos desagrada, para vermos seu Reino.

Nosso coração, enfim e nossos desejos devem ser fechados para as coisas da terra e abertos para as de Deus e da eternidade, se queremos desfrutá-las.

Fujamos então de tudo o que é do mundo, para amarmos e odiarmos com Deus, se queremos desfrutar do próprio Deus. Precisamos a renunciar a nós mesmos, para que o Espírito Santo vença em nós e nos liberte de todo entrave. Assim, poderemos louvá-lo acima de todos os céus e sermos um com ele sem divisão. Então, nós o bendiremos e ouviremos em paz as melodias celestes com seus quatro modos harmonizados e seus múltiplos tons.

CAPÍTULO 12

As melodias celestes.

Nosso Pai celeste eternamente nos chamou e elegeu em seu Filho bem-amado e ele escreveu nossos nomes, com o dedo do seu amor[44], no livro vivo de sua Sabedoria Eterna.

É por isto que lhe respondemos com todo nosso poder, com uma reverência e uma veneração sem fim[45] e é

[44] A expressão "o dedo do seu amor" lembra o título dado ao Espírito Santo em uma estrofe de *Veni Creator*: *Dextrae Dei tu digitus*. Ela também está no *Livro das doze béguinas*, cap. 13: *Ele toca nosso espírito com seu dedo que é seu Espírito e ele nos diz: "Ame-se como eu o amo e o amei eternamente"*.

[45] A edição Muller faz o cap. 12 começar somente na frase seguinte. A mesma divisão está na tradução de Gérard Groot.

assim que se iniciam todos os cânticos dos anjos e das pessoas, que não cessarão jamais.

O primeiro tipo de canto celeste é o amor para com Deus e para com o próximo e, para nos ensiná-lo, Deus Pai nos enviou seu Filho. Quem não conhece, de fato, este tipo, não pode entrar no coro celeste, pois não possui então o conhecimento e nem a ornamentação e deverá então permanecer eternamente de fora.

Jesus Cristo, nosso amante eterno, no dia de sua concepção no ventre venerável de sua Mãe, cantou em espírito, glória e honra ao seu Pai celeste, repouso e paz a todas as pessoas que são de boa vontade e, na noite em que ele nasceu da Virgem Maria, sua mãe, os anjos cataram o mesmo doce canticozinho. É isto o que a Santa Igreja recorda quando o canta, por sua vez, especialmente nestas duas festas.

Amar Deus e amar o próximo com vistas a deus, por causa de Deus e em Deus, isto é, de fato, o que de mais sublime e de mais alegre pode ser cantado no céu e na terra. A arte e a ciência deste cântico são dadas pelo Espírito Santo.

Cristo, nosso cantor e mestre de coro, cantou desde o início e nos entoará eternamente o cântico de fidelidade

e de amor sem fim. Depois, nós todos, com todo nosso poder, cantaremos em seguida, tanto neste mundo quando no meio da glória de Deus.

Assim, o amor verdadeiro e sem fingimento é o cântico comum que todos precisamos conhecer para fazer parte do coro dos anjos e dos santos no Reino de Deus, pois o amor é a raiz e a causa de todas as virtudes no interior. Ele é o ornamento e o verdadeiro adorno de todas as boas obras no exterior. Ele vive de si mesmo e é, de si mesmo, sua própria recompensa. Em sua ação, ele não pode se enganar, pois nisto fomos antecipados por Cristo, que nos ensinou o amor e que viveu no amor, com todos os seus. Devemos então imitá-lo, se queremos ser bem-aventurados com ele e possuir a salvação.

Este é o primeiro tipo do canto celeste que a Sabedoria de Deus ensina a todos os seus discípulos obedientes, por intermédio do Espírito Santo.

Em seguida vem o segundo tipo. Trata-se da humildade sincera que ninguém pode elevar e nem abaixar. Nela, de fato, está a raiz e o fundamento sólido de todas as virtudes e de todo edifício espiritual. É ela também que constitui o teor e os finais de todo cântico celeste, permanecendo em harmonia com todas as virtudes, pois ela é o

manto e o ornamento da caridade e é a voz mais doce que pode cantar perante a face de Deus. Seus acordes são tão graciosos e tão atraentes que eles atraem a Sabedoria de Deus até em nossa natureza, pois, quando Maria disse: *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*[46], Deus ficou tão derrotado que ele quis que sua Sabedoria Eterna enchesse o humilde ventre da Virgem.

Assim, a sublime altura se reduziu ao rebaixamento, o Filho de Deus se fez humilde e se revestiu com a forma de um escravo, para nos elevar até a forma de Deus. Ele se fez humilde e se colocou abaixo de todas as pessoas. Ele desprezou a ele mesmo e quis nos servir até a morte.

Por isto, se você quiser se assemelhar a ele e segui-lo onde se canta o cântico da humildade sincera, você deve negar a si mesmo e desprezar a si mesmo, amar e desejar o desprezo, o desdém e o esquecimento de todas as outras pessoas, pois a humildade permanece insensível ao que lisonjeia ou ao que é penoso, à honra ou à vergonha e a tudo o que não é ela.

Este é o dom mais elevado e a joia mais bela que Deus pode dar à alma amorosa, além dele mesmo. Ela é a

[46] Lucas 1: 38.

plenitude de toda graça e de todos os dons. Quem habita nela está unido a ele e encontrou a paz sem fim.

O terceiro tipo de cântico celeste consiste em renunciar à nossa vontade própria e a tudo o que nos pertence, para nos abandonarmos à caríssima vontade de Deus e suportarmos e sofrermos tudo o que ele quiser nos impor e embora a natureza que carrega a cruz e segue Nosso Senhor até à morte esteja na dor, o espírito que faz voluntariamente uma oferenda assim está na alegria.

A natureza chora e se queixa por causa do pesado fardo que a oprime, mas nós nos rejubilaremos depois na glória de Deus, quando então Jesus enxugará nossas lágrimas e nos mostrará que, com seu sangue precioso, ele nos adquiriu para seu Pai, pagando por isto o preço de sua morte.

Então, cantaremos com ele esta doce melodia que merece o sofrimento voluntário e que só pertence aos seres humanos e não aos anjos e, na medida em que o martírio, o esforço e o sofrimento forem grandes e múltiplos, nesta mesma medida haverá a glória, a recompensa e a honra.

Cristo, nosso cantor, nos imporá este cântico, pois ele é o príncipe e o rei de todo sofrimento suportado vo-

luntariamente por amor e para a honra de Deus e sua voz é de uma clareza, de uma riqueza e de uma sonoridade sem igual. Ele tem a ciência perfeita do canto celeste, de seus modos, de suas nuances e de suas harmonias variadas. Com ele, cantaremos todos, agradecendo e louvando seu Pai celeste que no-lo enviou.

Cristo devia sofrer e subir assim em sua glória. É por isto que nós também precisamos sofrer de bom coração, para nos assemelharmos a ele e segui-lo nessa glória e na de seu Pai, com quem ele é um na fruição do Espírito Santo. Lá, cantaremos todos, ao nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Cada um pessoalmente, em espírito, segundo nossos méritos e nossa dignidade perante Deus.

Por fim, vem o quarto tipo de cântico celeste, o mais íntimo, o mais nobre, o mais elevado, que consiste em desfalecer no louvor a Deus[47].

Nosso Pai celeste é, ao mesmo tempo, ávido e generoso. Aos seus bem-amados que são elevados em espírito e que caminham diante de sua face, ele concede liberalmente sua graça, seus dons e suas benesses. Mas, em troca, ele exige de cada um, em retribuição, ações de graças,

[47] Estamos aqui no ápice do quinto degrau do amor, que nos faz penetrar na união sem intermediário, como Ruysbroeck vai explicar.

louvores e a prática de todas as boas obras, segundo o que lhe foi dado de Deus externamente e interiormente, pois a graça divina não é dada inutilmente e nem em vão e se a colocarmos para render frutos, ela flui incessantemente e nos dá tudo o que precisamos, reclamando de nós, em troca, tudo o que podemos retribuir e esses dons recíprocos fazem nascer e praticar todas as virtudes, sem medo de errar.

Mas, acima de todas as nossas ações e práticas de virtudes, nosso Pai celeste ensina, àqueles que lhe são especialmente caros, que, em seus dons e em suas exigências, ele se mostra não apenas liberal e ávido, mas mesmo a própria avidez e a própria liberalidade. Ele quer, de fato, se dar a nós por inteiro, com tudo o que ele é. Mas, em troca, ele reclama que nós nos doemos a ele plenamente, com tudo o que somos.

Assim, sua intenção e sua vontade são que sejamos totalmente dele, como ele se faz inteiramente nosso, com cada um permanecendo, no entanto, o que é, pois não podemos nos tornar Deus, mas somos unidos a ele, ao mesmo tempo, por intermediário e sem intermediário.

O intermediário para a união é a graça e nossas boas ações e o mútuo amor constituído assim pela graça de

Deus e nossas boas ações fazem com que ele viva em nós e nós vivamos nele, submissos à sua influência, a ponto de formarmos uma só vontade com a dele para todo bem, pois seu Espírito e sua graça operam em nós todas as boas ações, mais do que nós fazemos nós mesmos e a graça que ele nos dá, ao mesmo tempo em que o amor que lhe temos, elabora uma obra que fazemos juntos e de comum acordo.

Nosso amor por Deus, de fato, é a obra mais elevada e a mais nobre que podemos ter consciência entre nós e Deus. O Espírito divino, por seu lado, reclama do nosso espírito que amemos Deus, que lhe rendamos graças e que cantemos seus louvores segundo sua nobreza e sua suprema dignidade e assim vem a desfalecer todos os espíritos amorosos, tanto no céu quanto na terra.

Eles se esgotam e caem todos sem força perante essa altura infinita de Deus. Este é o intermediário mais nobre e o mais elevado que pode haver entre nós e Deus. A graça de Deus está nele em sua perfeição, com todas as virtudes.

Mas somos unidos a Deus também sem intermediário, acima da graça e de todas as virtudes, pois fora de todo intermediário, recebemos a imagem de Deus na

substância viva da nossa alma[48] e lá somos unidos a Deus sem intermediário.

Não nos tornamos Deus, no entanto, mas permanecemos sempre semelhantes a Deus e ele vive em nós e nós nele, por meio de sua graça e das nossas boas ações. Assim, somos unidos a Deus sem intermediário, acima de toda virtude, lá onde carregamos sua imagem, no próprio cimo da nossa natureza criada.

No entanto, permanecemos sempre semelhantes a ele e unidos em nós mesmos por meio de sua graça e de nossa vida virtuosa e, assim, permanecemos para sempre semelhantes a Deus em graça e em glória e, acima da semelhança, um com ele em nossa imagem eterna.

A unidade que vive com Deus está em nossa própria essência. Não podemos compreendê-la, nem alcançá-la e nem apreendê-la. Ela requer todas as nossas forças e exige de nós sermos um com Deus, sem intermediário e isto não podemos cumprir e, por isto, não a seguimos ao entrar no repouso do nosso ser.

Nesse santuário tranquilo, o Espírito do Senhor repousa e permanece em nós com todos os seus dons[49]. Ele

---

[48] A substância viva (*levendicheit*) significa aqui a própria essência da alma, que é feita à imagem de Deus e lhe está assim unida de uma maneira natural. Cf. *O espelho da salvação eterna*, cap. 08 e *A ornamentação das núpcias espirituais*, Livro II, cap. 02.

dá sua graça e seus dons a todas as nossas forças e ele reclama de nós amarmos, darmos graças e louvarmos e ele mesmo habita em nossa essência, reclamando de nós o repouso e a unidade com ele acima de toda virtude.

Daí vem que não podemos permanecer em nós mesmos com nossas boas obras e nem acima de nós com Deus no estado de repouso e isto é o jogo mais íntimo do amor[50].

O Espírito do Senhor é uma eterna operação de Deus e ele quer que, eternamente, trabalhemos e lhe sejamos semelhantes. Mas ele é também repouso e fruição do Pai, do Filho e de todos os seus bem-amados em eterna inação. Esta fruição está acima de nossas ações e não podemos compreendê-la e nossas ações permanecem sempre abaixo da fruição e não podemos introduzi-las até ela.

Quando agimos, sempre nos falta algo e não podemos amar Deus suficientemente. Mas, ao desfrutarmos, temos satisfação e somos tudo o que queremos.

Este é o quarto tipo de canto celeste, o mais nobre que pode ser cantado no céu e na terra.

---

[49] Cf. o *Livro da mais alta verdade*, cap. 08, cuja doutrina Gustave Waffelaert explica no cap. 04 de *L'union de l'âme aimante avec Dieu*.
[50] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*, Livro II, cap. 55.

Você deve saber, no entanto, que nem Deus e nem os anjos, nem as almas cantam com uma voz corpórea, pois eles são espíritos. Eles não possuem ouvidos, nem boca, nem língua, nem goela ou garganta para gerar um canto.

A Escritura Santa diz bem que Deus falou a Abraão, a Moisés, aos Patriarcas e aos Profetas, de mil maneiras, com palavras perceptíveis, antes de tomar ele mesmo a natureza humana.

A Santa Igreja, por sua vez, atesta que os anjos cantam eternamente e sem fim: “Santo, Santo, Santo”.

Da mesma forma, o anjo Gabriel trouxe a Nossa Senhora a notícia de que ela conceberia o Filho de Deus, pela virtude do Espírito Santo.

Anjos transportaram cantando a alma de São Martinho ao céu e Maria Madalena encontrou no canto dos anjos seu alimento de cada dia.

Desta forma então, os espíritos bons ou maus e as almas podem se mostrar às pessoas na forma que eles querem, na medida em que agradar a Deus permitir, mas, na vida eterna, isto não é necessário, pois contemplaremos então, com os olhos do intelecto, a glória de Deus, de todos os anjos e de todos os santos em geral, ao mesmo

tempo que a glória especial e a recompensa de cada um, em todas as maneiras que quisermos.

Mas, no último dia, no julgamento de Deus, quando ressuscitaremos com nossos corpos gloriosos, pelo poder de Nosso Senhor, esses corpos serão brancos e resplandecentes como a neve, mais brilhantes em claridade do que o sol e transparentes como o cristal e cada um terá sua marca especial em honra e glória, de acordo com o que tiver suportado e sofrido em termos de tormentos e outros sofrimentos, voluntária e livremente, para a honra de Deus, pois todas as coisas serão ordenadas e recompensadas segundo a Sabedoria de Deus e a nobreza das nossas boas ações e Cristo, nosso cantor e mestre de coro, cantará com sua voz triunfante e doce um cântico eterno, ou seja, um louvor em honra ao seu Pai celeste e todos cantaremos este mesmo cântico, com um espírito alegre e uma voz clara, eternamente e sem fim.

O prazer e a glória da nossa alma resplandecerão sobre nossos sentidos e todos os membros e nos contemplaremos mutuamente com nossos olhos glorificados, nos ouviremos, diremos e cantaremos o louvor de Nosso Senhor com vozes sem falhas. Cristo nos servirá e nos mostrará sua face totalmente brilhante e seu corpo glorioso

que carrega as marcas da fidelidade e do amor que estão impressas nele.

Da mesma forma, contemplaremos todos os corpos gloriosos revestidos com numerosas marcas de amor gasto no serviço a Deus, desde o começo do mundo e nossa vida sensível será totalmente preenchida, exteriormente e interiormente, com a glória de Deus. Nosso coração, cheio de vida, arderá com um amor ardente por Deus e todos os seus santos. Todas as forças da nossa alma resplandecerão de glória e elas serão ornamentadas com os dons de Deus e todas as virtudes que elas terão praticado desde o início.

Por fim e isto ultrapassa todas as coisas, seremos arrebatados para fora de nós para a glória de Deus que é infinita, incompreensível, sem medida e desfrutaremos dela com ele eternamente e sem fim.

Cristo, em sua natureza humana conduzirá o coro da direita, pois ele é o que Deus fez de mais elevado e de mais sublime e a este coro pertencem todos aqueles em que ele vive e que vivem nele.

O outro coro é o dos anjos, pois, mesmo que eles sejam mais nobres em natureza, fomos dotados de uma maneira mais sublime em Jesus Cristo, com quem somos

um. Ele mesmo será o pontífice supremo no meio do coro dos anjos e das pessoas, diante do trono da soberana majestade de Deus e ele oferecerá e renovará diante do seu Pai celeste, o Deus onipotente, todas as oferendas que sempre foram apresentadas pelos anjos e as pessoas e, incessantemente, elas serão renovadas e permanecerão fixadas na glória de Deus.

Assim, nossos corpos e nossos sentidos, com os quais servimos Deus agora, serão glorificados e beatificados, com a mesma glória com que brilha o corpo de Cristo, pelo serviço que ele realizou para Deus e para nós mesmos.

Nossas almas, em quem agora e eternamente amamos, agradecemos e louvamos Deus, serão então espíritos bem-aventurados e gloriosos, como são bem-aventurados e gloriosos a alma de Cristo, os anjos e todos os espíritos, que amam, agradecem e louvam Deus e por Cristo seremos arrebatados a Deus e seremos um com ele na fruição e na beatitude eterna.

Assim, eu terminei com o quinto degrau da nossa escada celeste.

CAPÍTULO 13

O sexto degrau do amor.

Em seguida vem o sexto degrau, que é a clara intuição, a pureza do espírito e da memória[51]. Estas são três propriedades da alma contemplativa[52] que jorram e se espalham de um fundo vivo onde somos unidos a Deus acima da razão e de toda prática das virtudes.

Quem quiser ter esta experiência deve oferecer a Deus todas as suas virtudes e suas boas ações, sem visar nenhuma recompensa e, acima de tudo isto, ele deve se oferecer e se abandonar à livre disposição de Deus, para progredir sempre, sem olhar para trás, em uma viva reverência. É assim que ele deve se preparar, com a graça de Deus, para uma vida contemplativa, se ele quiser obtê-la.

Sua vida exterior e sensorial deve ser bem regulada e ordenada, com boas obras aos olhos de todas as pessoas. Sua vida interior deve ser cheia de graça e de caridade, sem dissimulação, com uma intenção correta, rica em

---

[51] A "clara intuição" está relacionada ao intelecto; a "pureza do espírito", à vontade; a "pureza da memória", a liberação da alta memória. Estas três propriedades já foram descritas no cap. 17 de *O espelho da salvação eterna*.

[52] A alma contemplativa mencionada aqui não está no cume da contemplação, mas é introduzida na união sem intermediário. Cf. *As sete clausuras*, cap. 14 e 15 e *O livro da mais alta sabedoria*, cap. 08. Todo este sexto degrau corresponde, aliás, aos três modos divinos que, no cap. 19 do *Livro das sete clausuras*, procedem da penetração até a essência sem modos de Deus. Esta penetração será o tema do sétimo degrau do amor.

todas as virtudes. Sua memória, isenta de cuidados e de preocupações, liberada e desapegada, inteiramente livre de toda imagem. Seu coração, livre, aberto e erguido acima de todos os céus. Seu intelecto, vazio de toda consideração e nu em Deus.

Esta é a cidadela dos espíritos amorosos, onde se reúnem todos os intelectos puros, em uma pureza simples. Esta é a habitação de Deus em nós, onde nada pode operar além de Deus.

A pureza de que se trata aqui é eterna. Nela não há tempo e nem lugar, nem passado e nem futuro. Sempre presente, ela está pronta para se mostrar aos intelectos puros que são elevados até ali. Lá, somos todos um, vivendo em Deus e Deus em nós e este um simples é sempre claro e ele se mostra aos olhos espirituais em seu retorno à pureza do intelecto. Nela, o ar é puro e sereno, iluminado por uma luz divina. Nela, nos é dado descobrir, fixar e contemplar a verdade eterna com olhos purificados e iluminados. Lá, todas as coisas se transformam, são uma só verdade, uma só imagem no espelho da Sabedoria de Deus.

Foi para que possamos encontrar, conhecer e possuir esta imagem em nossa essência e na pureza do nosso

intelecto que Deus nos criou e, quando contemplamos isto e nos dedicamos a isto na luz divina, com olhos simples e espirituais, então temos uma vida contemplativa.

Mas, para isto, é preciso também outra coisa, que é a pureza de espírito, pois um intelecto em repouso e sem imagens[53], uma intuição clara na luz de Deus e um espírito elevado em sua pureza até a face de Deus, estas três propriedades reunidas, constituem uma verdadeira vida contemplativa. Lá, ninguém pode errar, com o espírito puro tendendo incessantemente e se lançando, atrás do intelecto iluminado, para seu princípio, com um amor purificado.

Ora, nosso Pai celeste é o princípio e o fim de tudo o que é. Nele, começamos todo bem, com um intelecto nu, em uma visão sem imagens. Em seu Filho, contemplamos toda a verdade, com um intelecto iluminado, na luz divina. No Espírito Santo, consumamos todas as nossas obras.

Lá, onde somos arrebatados para fora de nós com um amor purificado diante da face de Deus, lá também

[53] O intelecto puro deve ser entendido no sentido da alta memória; a intuição clara se reporta ao ato do intelecto; a pureza do espírito, à vontade. Cf. O *espelho da salvação eterna*, cap. 08.

somos libertados e esvaziados de todo evento e de todo sonho.

Esta é uma vida contemplativa de um grande peso. A todo instante começar e terminar; este é o conselho do amor e este é o sexto degrau da nossa escada celeste.

CAPÍTULO 14

O sétimo degrau do amor.

O sétimo degrau, que vem a seguir, é o mais nobre e o mais elevado que pode ser realizado na vida do tempo e da eternidade[54].

Ele existe quando, acima de todo conhecimento e de todo saber, descobrimos em nós um não saber sem limite; quando, ultrapassando todo atributo dado a Deus ou às criaturas, nos vemos expirar para passar a um eterno inominado, onde nos perdemos; quando, além de toda prática de virtudes, contemplamos e descobrimos em nós um repouso eterno, onde nada pode operar e, acima de todos os espíritos bem-aventurados, uma beatitude imen-

[54] No sétimo degrau, Ruysbroeck só se ocupa com o prazer que consiste na união com a essência divina. É por isto que, desde o início do capítulo, ele descreve o que é a essência divina para a alma amorosa e, um pouco além, o que ela é propriamente, quando ele diz: "Lá, um Deus está em sua essência simples etc.".

sa, onde somos todos um e é este mesmo um que é a própria beatitude em sua essência. Por fim, quando contemplamos todos esses espíritos bem-aventurados essencialmente mergulhados, liquefeitos e perdidos em sua supraessência, dentro de uma treva que desafia toda determinação ou conhecimento[55].

Contemplaremos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, trino em Pessoas, um só Deus em natureza, que criou o céu e a terra e tudo o que existe. Nós o amaremos, o agradeceremos e o louvaremos para todo o sempre. Ele nos fez à sua imagem e à sua semelhança e isto é uma grande alegria para aqueles que são nobres e puros. Sua divindade não opera, já que é essência simples e está sempre em repouso.

Se tomássemos parte desse repouso com ele, seríamos com ele o próprio repouso e elevados até sua altura. Assim, seríamos, acima de todos os degraus da escada celeste, com Deus, em sua divindade, uma essência em repouso e uma beatitude eterna.

As divinas pessoas, na fecundidade de suas naturezas, são um Deus eternamente agindo e, na simplicidade de suas essências, elas são a divindade eternamente em

[55] Cf. *O espelho da salvação eterna*, cap. 25.

repouso e assim, segundo as Pessoas, Deus é operação eterna e, segundo a essência, eterno repouso.

Entre agir e estar em repouso, há necessariamente amar e desfrutar. O amor quer sempre agir, pois ele é uma eterna operação com Deus. Mas o prazer reclama o repouso, pois ele é, acima de todo querer e de todo desejar, o abraço do bem-amado na bem-amada, em um amor puro e sem imagens. Lá onde o Pai, conjuntamente com o Filho, se apodera daqueles que ele ama, na unidade de prazer com seu Espírito acima da fecundidade da natureza. Lá onde o Pai diz a cada espírito, em uma complacência eterna: “Eu sou para você e você é para mim. Eu sou seu e você é meu. Eu o escolhi desde toda a eternidade”.

Surge então entre Deus e seus bem-amados uma alegria tal e uma complacência mútua que aqueles que são arrebatados para fora deles mesmos se fundem e fluem para se tornarem, no prazer, um só espírito com Deus, tendendo eternamente para a beatitude infinita da sua essência.

Esta é a primeira forma de prazer das pessoas de viva contemplação.

Uma segunda forma leva, ao prazer de Deus, as pessoas de vida íntima, consumadas na caridade, segundo a

caríssima vontade de Deus. Ela é própria daqueles que se renunciam e se abandonam, que fogem de toda criatura pela qual poderiam ter apego e amor, toda criatura de Deus que poderia ser uma preocupação e um obstáculo nessa vida íntima onde eles servem Deus.

Daí, eles se elevam para Deus com um amor afetivo que vem do fundo da alma vivente, com um coração elevado acima de todos os céus e suas forças são abrasadas por uma caridade ardente, ao mesmo tempo em que seu espírito é elevado à compreensão pura das imagens.

Aqui, a lei do amor está em seu ápice e toda virtude se torna perfeita. Nela, somos esvaziados de tudo. Deus, nosso Pai celeste, habita em nós, na plenitude das suas graças e nós habitamos nele, acima de todas as nossas ações, em um estado de prazer.

Cristo Jesus vive em nós e nós vivemos nele e com sua vida somos vencedores do mundo e de todos os pecados. Com ele, somos elevados no amor até nosso Pai celeste.

O Espírito Santo opera em nós e, conosco, todas as nossas ações. Ele clama em nós bem alto e sem palavras: “Ame o amor que você ama eternamente”. Seu clamor é um toque íntimo em nosso espírito e sua voz é mais terrí-

vel do que a tempestade. Os relâmpagos que o acompanham nos abrem o céu e nos mostram a luz da Eterna Verdade.

O ardor desse toque íntimo e do seu amor é tal que ele quer nos consumar inteiramente e seu toque clama sem cessar em nosso espírito: “Pague sua dívida. Ame o amor que você eternamente amou”.

Daí nascem uma grande impaciência interior e uma atitude fora de todo modo e de toda maneira, pois, quanto mais amamos, mais desejamos amar e quanto mais pagamos o que o amor exige de nós, mais continuamos devedores.

O amor não se cala e clama eternamente, sem trégua: “Ame o amor!”

Este é um combate bem desconhecido àqueles que não têm o sentido destas coisas. Amar e desfrutar é agir e sofrer a ação.

Deus vive em nós com suas graças. Ele nos ensina, ele nos aconselha, ele nos ordena o amor. Mas também vivemos nele acima da graça e acima das nossas ações, lá onde sofremos sua ação e onde desfrutamos.

Em nós há o amar, o conhecer, o contemplar, o aspirar incessante e, acima de tudo, o desfrutar. Nossa opera-

ção consiste em amar a Deus e nosso prazer, em suportar o abrasamento do amor de Deus.

Entre amar e desfrutar há uma distinção, como entre Deus e sua graça. Quando nos apegamos por amor, então somos espírito, mas quando seu Espírito nos arrebata e nos transforma, somos levados ao prazer.

O Espírito de Deus nos leva para fora, para o amor e as ações da virtude e ele nos aspira e nos conduz a ele, para nos fazer repousar e desfrutar e isto é a vida eterna.

É como expiramos o ar que está em nós e aspiramos um ar novo e é isto que consiste nossa vida mortal na natureza e, embora nosso espírito seja arrebatado para fora dele e sua ação venha a desfalecer no prazer e na beatitude, ele é sempre renovado na graça, na caridade e nas virtudes.

Desta forma então, entrar em um prazer ocioso, sair nas boas obras e permanecer sempre unido ao Espírito de Deus é o que o que quero dizer. Da mesma forma como abrimos nossos olhos de carne para ver e os fechamos tão rápido que nem mesmo sentimos, assim também expiramos em Deus, vivemos de Deus e permanecemos sempre com Deus.

É preciso então sair na ação da vida sensorial e depois reentrar através do amor e se apegar a Deus, para permanecer sempre unido a ele sem mudança.

Este é o sentimento mais nobre que podemos descobrir ou compreender em nós mesmos. No entanto, devemos sempre subir e descer os degraus da nossa escada celeste nas virtudes interiores e as boas ações exteriores, segundo os mandamentos de Deus e as prescrições da Santa Igreja, assim como foi dito acima e por meio da semelhança que vem das boas ações, somos unidos a Deus em sua natureza fecunda, que opera sempre na Trindade das Pessoas e que consuma todo bem na Unidade do seu Espírito.

Lá, somos mortos para o pecado e um só espírito com Deus. Lá, nascemos novamente do Espírito Santo como filhos eleitos de Deus. Lá, somos arrebatados para fora do nosso espírito e o Pai com o Filho nos mantém abraçados no amor eterno e no prazer e esta obra começa sempre novamente, se opera e se consuma. Nela, temos a beatitude para conhecer, para amar e desfrutar com Deus[56].

[56] Conforme a doutrina já muitas vezes exposta, vê-se que o labor sobrenatural da vida virtuosa ou ativa tende sempre para o repouso da vida contemplativa. O labor faz assemelhar a Deus,

Ao desfrutarmos, somos ociosos, pois Deus opera sozinho quando arrebata para fora deles mesmos todos os espíritos amorosos, os transforma e os consuma na unidade do seu Espírito. Lá, somos todos um só fogo de amor, o que é maior do que tudo o que Deus jamais fez.

Cada espírito é um carvão ardente, que Deus acendeu no fogo do seu amor infinito e todos juntos somos um braseiro inflamado que não pode jamais ser extinto, com o Pai e o Filho, na união do Espírito Santo, lá onde as Divinas Pessoas são arrebatadas na unidade de suas essências, no seio do abismo sem fundo da beatitude mais simples.

Lá, não se nomeia o Pai, nem o Filho e nem o Espírito Santo, nem nenhuma criatura, mas uma só essência, que é a própria substância das Pessoas Divinas. Lá, somos todos reunidos antes mesmo de sermos criados e isto é nossa supraessência. Lá, todo prazer é consumado e perfeito na beatitude essencial. Lá, Deus está em sua essência simples, sem operação, em repouso eterno, uma treva sem modo, um ser inominado, uma superessência

---

que opera incessantemente em sua natureza fecunda. O repouso do prazer une a ele na beatitude mais simples, onde Ruysbroeck vê Deus no repouso de sua unidade. Os termos empregados aqui pelo autor devem ser pesados com o maior cuidado, para não lhes dar cor panteísta ou do quietismo.

de todas as criaturas, beatitude simples e infinita de Deus e de todos os santos.

Mas, na natureza fecunda, o Pai é um Deus onipotente, criador e autor do céu e da terra e de todas as criaturas e, de sua própria substância, ele gera seu Filho, sua Sabedoria Eterna, um com ele na natureza, distinto em pessoa, Deus de Deus, por quem todas as coisas são feitas.

Por fim, do Pai e do Filho procede, na unidade de natureza, o Espírito Santo, a terceira Pessoa. Ele é o amor infinito que os mantém eternamente abraçados, no amor e no prazer e nós todos com eles, para formarmos uma só vida, um só amor e um só prazer.

Deus é Unidade em sua natureza e Trindade em sua fecundidade. Três Pessoas realmente distintas e estas três Pessoas são Unidade na natureza e Trindade em seus fundamentos próprios.

Na natureza fecunda de Deus há três propriedades, três Pessoas distintas de nome e de fato, na unidade de natureza.

Na operação, cada Pessoa possui nela a natureza inteira e é assim o Deus onipotente, em virtude da natureza e não em virtude da distinção pessoal.

As três pessoas têm assim uma natureza indivisa e, por causa disto, elas são um só Deus na natureza e não três deuses segundo a distinção das Pessoas e assim Deus é três segundo os nomes e as Pessoas e um em natureza. Ele é Trindade em sua natureza fecunda e a Trindade é o fundo próprio das Pessoas e Unidade na natureza e essa Unidade é nosso Pai celeste, criador onipotente do céu e da terra e tudo o que existe. Ele vive em nós e nos governa na parte superior do nosso ser criado. Unidade na Trindade, Trindade na Unidade, Deus onipotente. É-nos dado buscá-lo, encontrá-lo e possuí-lo por meio de sua graça e o socorro de Nosso Senhor Jesus Cristo, na fé cristã, com uma intenção reta e uma caridade sincera e, por meio da nossa vida virtuosa e de sua graça, vivemos nele e ele em nós, com todos os seus santos.

Assim, estamos todos juntos com Deus na unidade do amor e o Pai e o Filho nos pegaram, abraçaram e transformaram na unidade de seu Espírito. Lá, somos, com as Pessoas Divinas, um só amor e um só prazer e este prazer é consumado na essência sem modo da divindade. Lá, somos todos, com Deus, uma simples e essencial beatitude e lá não se nomeia Deus e nem criatura segundo o modo da personalidade. Lá, somos todos, com Deus, sem

diferença, uma beatitude sem fundo e totalmente simples. Lá, somos todos perdidos, mergulhados e fluídos em uma treva desconhecida.

Este é o mais elevado grau de vida e de morte, de amor e de prazer, na beatitude eterna e quem ensinar coisa diferente está enganado.

Rezem por aquele que, com a graça de Deus, compôs e escreveu estas coisas, assim como por todos aqueles que o escutam e leem, para que Deus se dê a nós, para uma vida sem fim. Amém.

Aqui termina o *Livro dos sete degraus da escada celeste do amor divino*, composto pelo Mestre João de Ruysbroeck, primeiro prior de Groenendael.

Índice